

# TLACHTLI - O jogo de bola na Mesoamérica

Maria Tereza Torfio Brittes Lemos\*

*Isi Ch'ananhasini*

*Uarkutakva (Assim jogamos bola)*

O jogo de bola, especialmente o futebol, que atualmente empolga multidões em todo o mundo, atraindo torcedores fanáticos aos estádios e despertando as mais variadas emoções, também fez parte da cultura mesoamericana pré-hispânica, continuando até os dias atuais, mantendo, inclusive, alguns de seus rituais.

O jogo de bola, ou **ullamalitzli** em **náhuatl**, consistiu uma das mais significativas tradições culturais mesoamericanas. Foi uma forma de enfrentamento lúdico entre duas equipes de jogadores. O jogo de bola era conhecido pelos mexicas como **tlachtli** — o espetáculo do sagrado, pois transcendia em seu significado e representava a atualização do combate cosmológico fundamental para a sobrevivência da humanidade.

Os astecas, como grande parte dos povos mesoamericanos, pela sua cosmogonia, necessitavam viver num mundo sacralizado. E para isso precisavam reproduzir a obra divina dos deuses. O jogo de bola — o **tlachtli**, entre eles confirmou essa dimensão do espetáculo do sagrado.

*\*Doutorado na  
Universidade Gama  
Filho  
Do Depto. de História  
da UERJ.  
Organizadora e Co-  
Autora do livro  
"América Latina em  
Discussão" - UERJ,  
RJ, 1994*

**O jogo de bola era conhecido pelos mexicas como tlachtli — o espetáculo do sagrado, pois transcendia em seu significado e representava a atualização do combate cosmológico fundamental para a sobrevivência da humanidade.**

Uma idéia fundamental na cosmovisão desses povos era que o céu noturno constituía o cenário de guerra eterna entre a luz e a escuridão. As estrelas tinham que morrer para que o Sol pudesse se alimentar e iluminar a terra.

O jogo de bola tinha um profundo sentido religioso e simbólico. Sua prática representava a luta cotidiana entre forças contrárias, conceitos antagônicos como a luz e escuridão, dia e noite, seca e fertilidade, entre outros aspectos.

O campo de bola era o céu e os anéis (local onde a bola deveria entrar) representavam os lugares onde sai e se põe o Sol. A marca onde se assinala o centro do campo de bola simbolizava o lugar do céu onde o Sol sacrificava diariamente a Lua e as estrelas, chamado de **ITZOMPAN** (lugar dos crânios), representado por uma caveira. A linha central que divide o campo do jogo de bola, representava o limite que separava as forças opostas em luta: a luz e a escuridão, o dia e a noite.

Através do Tlachtli os mexicas ritualizaram o combate cosmológico fundamental para a sobrevivência do mundo. A bola, segundo os códices, simbolizava o sol

Por esse motivo há uma relação simbólica entre o jogo de bola e a guerra, já em que ambas as atividades há um confronto de forças antagônicas. Os mexicas representavam também os guerreiros sacrificados.

## Cerimônias e rituais associados aos jogos de bola

Através do Tlachtli os mexicas ritualizaram o combate cosmológico fundamental para a sobrevivência do mundo. A bola, segundo os códices, simbolizava o sol e se

chamava olin, nome náhuatl do movimento, e também representava um dos vinte signos do calendário adivinatório, que serviram para fixar o destino dos homens.<sup>1</sup>

Os jogadores de tlachtli repetiam o movimento cósmico. A borracha utilizada para a confecção da bola multiplicava, com seus impulsos, a força que lhe era imprimida. Essa disputa lúdica consubstanciava a manutenção do movimento, que corria o risco de parar caso a bola não fosse lançada perpetuamente. Aos jogos seguiam-se ritos sacrificiais que reatualizavam, com os movimentos, a cosmogonia.<sup>2</sup>

O tlachtli simbolizava o espetáculo do sagrado, prelúdio de um sacrifício sangrento, uma representação cosmogônica. A bola, em suas voltas no ar, representava a marcha do sol, no Cosmo. O jogo representava essencialmente o movimento cósmico.

Segundo os códices náhuatl, o movimento significava jogo. E, como um jogo do tempo, enquadrava-se na engrenagem cósmica, que, concomitantemente o sustentava e o destruía. Assim, o **ollin** também significava terremoto, cataclismo e suas forças podiam acabar como os impulsos da bola que os jogadores lançavam até o esgotamento e o momento da morte sacrificial de um deles. Olin "símbolo da vida era também a insígnia da morte"<sup>3</sup>, início e fim da criação. Ainda há dúvidas se o jogador decapitado era da equipe vencedora ou perdedora. No final do jogo, o jogador, diante do juiz (sacerdote), ajoelhava-se e tinha a cabeça decapitada. O sangue escorria como serpente pelo seu corpo, oferta divina aos deuses. Seu corpo era puxado, dando voltas no campo, ensanguentando o espaço para divinizar-lo.

<sup>1</sup>No México pré-hispânico, o *olli* significava uma substância sagrada, que se colocava nas oferendas, estendendo em pedaços de papel com os quais os homens se encobriam.

<sup>2</sup>Duverger, C., op. cit., p. 128

<sup>3</sup>Duverger, C., op. cit., p. 30

Nos códices, o **ollin** estava representado por um grifo em forma de X, em cujo centro aparecia uma esfera, a bola do jogo se inscrevia na cruz do universo, na intersecção dos eixos do mundo. O Ollin encontrava-se no "centro". Os astecas olhavam o centro com medo, desconfiança e ansiedade, como um lugar mágico, consagrado ao deus Tezcatlipoca.

A bola significava o "sol" e a disputa entre as duas equipes consistia na celebração do movimento cósmico. A borracha, substância elástica tirada da árvore, multiplicava a força com que era impulsionada e a disputa lúdica deveria manter o movimento dos astros, que podiam parar se não fosse mantido o movimento do jogo de bola, explica Duverger.<sup>4</sup>

<sup>4</sup>Duverger, C. - *La Flor Letal - Economía del Sacrificio azteca*, op. cit., p. 126

Na competição participavam jogadores que deviam golpear sucessivamente a bola contra as paredes inclinadas do pátio central e introduzi-las no centro dos marcadores. Como a bola de borracha era muito dura, os jogadores usavam na cintura e nos braços, para amortecer as pancadas, protetores acolchoados feitos em couro e algodão ou alguns materiais duros como a madeira. No final do jogo, tiravam a proteção dos quadris e faziam incisões à faca no local para retirar o sangue acumulado (pisado) onde a bola batia com força. Além dessa proteção os jogadores usavam ricas vestimentas e adornos, representando divindades.

Segundo pesquisas arqueológicas, a bola era jogada com as mãos para dar o impulso ou com um bastão para golpear, com os pés para chutar e o mais comum era a utilização dos quadris.<sup>5</sup>

<sup>5</sup>Museu Nacional de Antropologia. México, junho/agosto, 1986.

## DESSACRALIZAÇÃO: aspectos profanos do tlachtli

Os jogadores usavam luvas nas mãos e protetores de couro adornados nos pés. Duverger não considera esse jogo um esporte, mas sim um ritual sagrado. No entanto, há informações sobre a dessacralização do tlachtli, na medida em que crianças brincavam jogando bola em seus *calpullis* (comunidades), nas escolas como no Calmecác e Telpochcalli<sup>6</sup> e os adultos faziam apostas.

Essas apostas eram feitas de acordo com a posição social dos participantes. Poderiam ser pagas em ouro, contas de pedras verdes ou chalcihuites, turquesas, escravos, casas, se os apostadores pertencessem às camadas dominantes. Os macehuales (povo) apostavam espigas de milho, maguey e inclusive seus filhos.<sup>7</sup>

Com esse ato profano, os mexicas dessacralizaram o "espetáculo do sagrado" e o jogo de bola chegou a ter um caráter decisivo para as resoluções de problemas políticos, militares e econômicos que surgiam nos diversos *calpullis* ou senhorios.

Na Mesoamérica, especialmente na Costa do Golfo, o jogo de bola ou Tlachtli, já era praticado há mais de três mil anos. Os estádios eram templos e os mais antigos se encontram na região dominada pelos olmeca, fronteira com os atuais Estados de Veracruz e Tabasco. No centro de Veracruz há registro de 26 construções para o tlachtli, destacando-se entre eles cinco de Tajin.

<sup>6</sup>Calmecác era uma instituição (templo) de ensino destinada aos filhos das classes dominantes (*pilli*) e equivalia ao nível superior de nossa sociedade. Telpochcalli era uma escola (templo) para o povo (*macehualli*). Todos ricos ou pobres eram obrigados a colocar seus filhos nas escolas. Havia escolas em todas as cidades e comunidades para todos os segmentos sociais.

<sup>7</sup>Museu de Antropologia de México, boletim, junho/agosto de 1986.

## O jogo de bola na Mesoamérica

As primeiras representações desses jogadores datam de 1.500 a.C., encontradas em Opeño, no Estado de Michoacán. No Altiplano Central, as fontes documentais indicam que o jogo foi introduzido pelos olmecas entre 1.200 a 1.600 a.C., como jogo ritual. Foram encontrados nos sítios arqueológicos de Cuicuilco, Tlatilco e Ticomán representações que datam de 600 a.C.

Essas representações esclarecem como eram os rituais e como os jogadores se ornamentavam para se enfrentarem durante a disputa. As grandes cabeças olmecas, datadas de 1.000 a.C. foram interpretadas como cabeças decapitadas no ritual do tlachtli. Há uma grande possibilidade de que o jogo de bola tenha se originado na região olmeca, onde se encontram as grandes plantações de borracha. Os campos de jogo de bola encontravam-se em locais privilegiados, próximos aos centros cerimoniais.

O jogo de bola que se pratica atualmente em diversos povoados do México persiste associado a manifestações agrícolas, conserva certas características relacionadas com as originais como antigas regras, técnica de elaboração e tamanho das bolas, além de alguns tabus.

As sobrevivências do jogo de bola são encontradas ao norte do país, no Estado de Chihuahua como "La Carrera de Bola". Os dados indicam que a "Carrera de Bola" não foi praticada pelos tarahumares no século XVII, e sim no século XVIII, quando se substituiu o "Hulama".

No noroeste do Estado de Sinaloa o jogo de bola se chama "Hulama", e apresenta três variantes: "Hulama de Cadera, ao sul, Hulama de Antebrazo" e "Hulama de Mazo". O campo do jogo é de forma retangular e se utiliza uma bola que pesa em torno de 600 gramas a 3.800 kilogramos, de acordo com a modalidade.

A roupa dos jogadores é bastante parecida com da época pré-hispânica, com elementos que protegem o jogador com o **chimalli**. Em Michoacán o jogo apresenta os seguintes nomes: "Pasiri-A-Kuri", "Pasiri akurini" e "Uárhukva". Em Oaxaca a "Pelota Mixteca" foi associada a "terremoto" e destruição.

O jogo de bola, com todas essas variantes, foi proibido na América Colonial. Durante esse tempo de proibição foi perdendo o seu caráter social e ritual, sobrevivendo apenas em algumas regiões interioranas. Atualmente, no estádio Deportivo Venustiano Carranza, da cidade do México, emigrantes dos estados de Guerrero e Michoacán se reúnem para jogar e "continuar con la costumbre del juego", como forma de convivência entre essas comunidades.

No entanto, observamos que ainda hoje, o espírito de tlachtli persegue os amantes do futebol. Os estádios, verdadeiros espaços sagrados, abrigam os torcedores fanáticos, durante os noventa minutos do jogo, o cotidiano ou o profano é esquecido. A torcida grita, xinga, segura seus patuás, acena suas bandeiras, reza, espreme as mãos e sente que o coração pára. O espetáculo do sagrado domina as emoções. No final, os vencedores são aclamados e saem do estádio com a sensação do poder, cantando ou tripudiando os derrotados.

O jogo de bola que se pratica atualmente em diversos povoados do México persiste associado a manifestações agrícolas, conserva certas características relacionadas com as originais como antigas regras, técnica de elaboração e tamanho das bolas, além de alguns tabus.

O jogo de bola, com todas essas variantes, foi proibido na América Colonial. Durante esse tempo de proibição foi perdendo o seu caráter social e ritual, sobrevivendo apenas em algumas regiões interioranas.

Como no tlachtli há a recompensa. A equipe vitoriosa é aclamada pela torcida e endeusada. Toma-se notícia dos principais jornais e não raro, o melhor jogador recebe tratamento de herói.

Como no tlachtli há a recompensa. A equipe vitoriosa é aclamada pela torcida e endeusada. Toma-se notícia dos principais jornais e não raro, o melhor jogador recebe tratamento de herói. Da mesma forma que nos estádios mexicas, o capitão da equipe vencedora era oferecido aos deuses para sacrifício ritual como agradecimento pela vida, pela continuidade do movimento cósmico.

Após esse ritual, o profano volta a dominar o espaço. As apostas são pagas em dinheiro ou cerveja. Os problemas concretos da vida reassumem a realidade e só com uma outra partida de futebol o torcedor poderá se transportar para o seu tlachtli, o seu espaço sagrado.

#### BIBLIOGRAFIA

- CARDÓS DE MÉNDES e outros - *El juego de Pelota - una tradición prehispánica viva*. México, Museu Nacional de Antropologia e História, INAH, 1986.
- DUVERGER, Christian - *La Flor Letal - Economía del sacrificio azteca*. México, FCE, 1993.
- GONZÁLEZ TORRES, Yolotl - *El Sacrificio Humano entre los Mexica*. México, FCE, 1992.
- LA GARZA, Mercedes - *Libro de chilam Balam de Chumayel*. México, SEP, 1985.
- PIÑA CHAN, Román - *Chichén Itza - La ciudad de los brujos del agua*. México, FCE, 1992.

## Alegria do Povo e Don Diego:

### Reflexões sobre o êxtase e a agonia de heróis do futebol

Ronaldo Helal\*  
Mauricio Murad\*\*

*"O mito é o nada que é tudo"*

Fernando Pessoa

"Infeliz o país que não tem heróis... Não. Infeliz o país que precisa de heróis". Esta passagem da peça *Vida de Galileu* escrita por Bertold Brecht em 1938 alertava para o perigo de se viver em uma sociedade que não soubesse agir e se organizar por conta própria, necessitando sempre de um líder, um herói ou uma figura lendária para solucionar os seus problemas. Em plena era de expansão de regimes totalitários, a figura do herói seria, segundo a interpretação desta passagem, uma fabricação das elites dominantes para manipular e anestesiar a população, fazendo com que esta se tornasse apática em estado de permanente fascínio pelo ídolo "fabricado". Este, por sua vez, não seria capaz de agir por conta própria, mas sempre de acordo com os interesses dos dirigentes.

Um olhar mais cuidadoso sobre esta passagem de Brecht indica que, embora válida, é uma conclusão datada e que expressa o contexto da história em questão e o período em que a peça foi escrita. De uma

\*Do Departamento de Teoria da Comunicação da UERJ, do Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ. Doutor em Sociologia pela New York University. Autor do livro *O Que É Sociologia do Esporte*, Brasiliense, 1990.

\*\*Do Departamento de Ciências Sociais da UERJ. Fundador e Coordenador do Núcleo de Sociologia do Futebol CIS/IFCH/ UERJ. Autor do livro *Todo Esse Lance Que Rola: Uma História de Namoro e Futebol*, Relume Dumará, 1994.